

Preços da rede são superiores aos de hipermercado

CLÁUDIA MORETZ-SOHN

Quem for a um dos 1.300 mercados da rede Somar no Estado pensando em comprar barato os oito produtos congelados pelo Governo cometerá um engano. Com exceção do fubá, da farinha de mandioca — dos quais a Conab não tem estoque no momento — e do feijão preto, os outros itens custam menos no hipermercado Carrefour da Barra da Tijuca. Instalada em bairros da periferia do Rio, a rede é usada basicamente pela população de baixa renda.

O preço médio cobrado pelo açúcar refinado na rede Somar custa 10,7% mais que no Carrefour. No caso do óleo de soja, a diferença em favor do hipermer-

cado da Barra da Tijuca é ainda maior: 14%.

No quilo do macarrão espagete com sêmola, a rede chega a cobrar 34,2% mais que o supermercado da Barra. A Somar só leva vantagem no quilo do feijão pret tipo dois, que vende por 5,3% menos do que o encontrado no Carrefour.

A rede Somar é formada por pequenos estabelecimentos privados, que comprem alimentos mais baratos na Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). E, embora sejam aconselhados a estabelecer margem de lucro em torno de 7% para cada item, na prática os varejistas têm liberdade de preços.

Além de praticamente não enfrentarem concorrência, eles ficam livres dos “olhos” do Governo. A fiscalização no Rio está

restrita a cinco supervisores da Conab.

Ciente desses problemas, o gerente regional da Conab no Rio e no Espírito Santo, José Marinho Paulo, conta que o órgão já assinou um acordo com a Sunab para aprimorar a fiscalização. No entanto, Marinho acrescenta que a rede não foi criada para vender por preços menores que os cobrados nos hipermercados. Segundo ele, o objetivo é permitir aos pequenos e médios varejistas o acesso a compras melhores no atacado:

— Um pequeno varejista não ganha dinheiro no mercado financeiro, como acontece com os hipermercados. A vantagem dele é comprar alimentos do governo a preços mais baixos — disse o gerente da Conab.